

F M L P E P P E R

DEUSA
de
SANGUE

O AMOR TRARIA LUZ E REDENÇÃO, MAS ERA PELA
ESCURIDÃO QUE O CORAÇÃO DELA BATIA MAIS FORTE



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

F M L P E P P E R

DEUSA *de* SANGUE

O AMOR TRARIA LUZ E REDENÇÃO, MAS ERA PELA
ESCURIDÃO QUE O CORAÇÃO DELA BATIA MAIS FORTE

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © FML Pepper, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Bárbara Parente
Revisão: Franciane Batagin Ribeiro
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Rafael Brum

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pepper, FML
Deusa de Sangue / FML Pepper. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
288 p.

ISBN 978-85-422-2319-4

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título

23-3889CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Capítulo 1

— O-o que está acontecendo...? Mãe?!? Ju? — As palavras rodopiavam no ar, cambaleantes, e se desintegravam antes de formarem frases coerentes.

Mamãe arremessava roupas em uma sacola de pano às pressas. Deitada com os pés embolados no lençol, Juno envolvia a barriga, chorava. A cena que estilhaçaria meus sonhos e me tornaria outra pessoa, aquela que dividiria o antes e o depois da minha existência, avançava, implacável, diante dos meus olhos catatônicos.

— Eu não disse para você ficar brincando com seu irmão na habitação do Samir? — mamãe ralhava, perturbada, ao me ver entrar com passos hesitantes, sua voz poderosa rasgando o ar e os meus ouvidos como uma navalha afiada.

Ela estava com aquele olhar novamente...

Algo ruim me lambeu por inteira e meus dedos se contraíram com força, fechando-se ao redor de Stu, meu cavalinho de madeira. A ardência na palma da mão, no entanto, não era nada perto da que crescia atrás dos olhos.

Pisquei forte. Várias vezes.

Precisava encontrar coerência entre o que via e o que meu cérebro processava. As janelas estavam fechadas, mas era a sensação de urgência que envolvia tudo como um manto pesado, abafando o ambiente e as minhas emoções. Havia muito além de medo deformando as faces das duas mulheres que mais amava no mundo.

Segredos...

E no que estava escancaradamente acontecendo.

Uma fuga!

— V-vocês... iam... embora? Sem mim?!? — A compreensão, pesada demais, despençou dos meus lábios.

— É para a sua segurança — esclareceu ela com a respiração ruidosa, parecia sentir dor ao pronunciar tais palavras.

Seria tão forte quanto a que eu sentia neste instante? Porque algo de repente se contorceu com tanta fúria no meu peito que eu tinha a certeza de que corações podiam ser literalmente estilhaçados.

— Deixa eu ir com vocês — pedi, a voz estrangulada em meio ao choro que forçava passagem.

— Não.

— Mas...

— Não! — mamãe trovejou e eu me encolhi. — Não insista!

Minha irmã mais velha enterrou o rosto nas mãos.

— E-eu... eu... — Espremi Stu contra o peito. Ao menos ele, eu conseguia segurar. *Mas as lágrimas...*

— Pare com isso, Nailah! Quantas vezes já lhe disse que chorar é para os fracos! — exigiu ela, descontrolada, enquanto segurava a cabeça entre as mãos.

Travei os dentes, mas um soluço me escapou. Mamãe fechou os olhos, puxou o ar com força e finalmente interrompeu o vaivém atordoante, sentando-se na beirada da cama. Ficando na minha altura, ela envolveu meus dedos entre os dela e esboçou um sorriso ao detectar Stu, o pequeno intruso entre nós. Suas mãos sempre aconchegantes estavam frias e suadas. Tremor se espalhou por minha pele. Meu coração deu novo salto.

Mamãe nunca tremia!

— Eu não queria que fosse assim...

— Por que não posso ir com vocês?

— Porque estará mais segura aqui do que sob a guarda de duas mulheres.

— Eu... não entendo — respondi num fiapo de voz. Uma capa de suor gelado, frio como a neve, cobria meu corpo dos pés à cabeça e, ainda assim,

um calor devastador me consumia.

— Shhh. Vai ficar tudo bem, mas você precisa ser forte. Aliás, força é o que não lhe faltará. Terá apenas que aprender a domá-la para... — Mamãe arregalou os olhos como se desvendasse uma charada. — Veja um thunder de perto, toque em um deles, filha — ordenou num rompante emocionado ao encarar Stu na palma da minha mão. Escutei o arfar de Juno atrás de nós. *Tocar num cavalo? Mas isso era impossível!* — Prometa-me, Nailah! — Ela apertou meus pulsos com força. Concordei, cada vez mais atordoada, e ela soltou o ar como quem arranca um fardo das costas. — Os cavalos são o grande milagre. A única certeza de que ainda não fomos abandonados de vez pelos deuses, que poderemos ter um futuro melhor. — Seu semblante ficou nebuloso. — Mas Juno corre perigo, e, para ajudá-la, não posso arriscar a sua vida nem a do seu irmão.

Perigo?!? O chão desapareceu de vez sob meus pés. Segurei-me como pude enquanto observava Juno com atenção redobrada. Minha irmã mais velha parecia tão saudável, e depois que ganhara algum peso ficou ainda mais bonita. Juno tornou a soluçar e se encolheu. *Sentia dor?*

— Ju? O que foi? — Quis ir até ela, mas mamãe me interceptou.

— Nailah, não era para... — Ela balançava a cabeça em negativa, respirava com dificuldade. — Mas como acredito que nada é por acaso e, já que isso aconteceu, quero que me escute com atenção — disse, olhando-me de um jeito intenso demais. Seus olhos, vermelhos como os meus, estavam em brasas. — Se algo der errado, se...

— Me deixa ir com vocês. Por favor! Eu não gosto mesmo desse lugar e...

— Jamais diga isso em voz alta! — interrompeu ela de um jeito grave. — Não importa o lugar. Nunca importará! Sua morada é onde estiver seu coração. Mas isso não vem ao caso. O importante é que você terá de ser forte, bem mais do que seu irmão. Não será nada fácil.

— Por quê?

— Pelo manto de Lynian!* Porque você é uma mulher! — Ela jogou os braços no ar e explodiu com uma risada dura, mas, ao perceber meu estado

* Esse e outros termos estão disponíveis em glossário ao fim do livro. (N. E.)

aturdido, mamãe me puxou para si e acariciou meus cabelos. — Eu não... Desculpa, meu amor. É sempre tão esperta que às vezes me esqueço de que ainda é muito pequena para entender. — Ela afastou meus cachos dos olhos. Pouco adiantou. A névoa da incompreensão embaçava tudo. — Quero apenas que grave isso: guarde sua honra, ela é sua única fortuna neste mundo. Seja correta, mas, se não houver condições... — Seu olhar voltou a me queimar. — Use as armas que julgar necessárias, mas nunca deixe que eles a façam se curvar, nunca deixe de lutar.

— “Lutar”?!

— Mãe, não! — minha irmã tentou interceder.

— Lutar, sim! De todas as formas — reafirmou ela sem dar atenção aos protestos de Juno e, abaixando-se ao meu nível, sussurrou: — Sabe aqueles seus sonhos “diferentes”? — Mamãe olhou dentro dos meus olhos. Meneei a cabeça, sem, no entanto, compreender o que isso tinha a ver com a terrível situação. — Eu também os tive a vida inteira, não com a mesma intensidade, não com tanta luz — confessou e meu coração disparou —, mas cessaram quando fiquei grávida de você e Nefret. Então, ainda pequenininha, um dia você acordou contando um deles e compreendi que eles seriam a minha herança. Nefret, mesmo sendo seu irmão gêmeo, não os herdou. Parece que os sonhos têm... *alma feminina* — arfou. — Peço-lhe que nunca duvide deles, que não se deixe levar pela escuridão, que nunca se afaste da luz que existe dentro de você, que não faça o que eu... — Ela engoliu em seco, não completou a frase. — Você ainda é muito pequena para entender, mas no futuro vai compreender. E me perdoará. Prometa-me que guardará estas palavras. Prometa-me que nunca deixará de lutar.

Tornei a concordar, apenas para abrandar o pavor em suas feições.

— Vamos, Juno! Não podemos perder mais tempo. — Mamãe se afastou ao escutar sons do lado de fora da nossa habitação. — Nailah, haja o que houver, fique dentro de casa.

Minha irmã pegou outra sacola e, com os olhos inchados, veio em minha direção.

— Tchau, Nanai.

— Ju, e-eu... Ju! — Agarrei seus quadris, não mais contendo as lágrimas que insistiam em jorrar.

— Vai ficar tudo bem. Stu vai cuidar de você, maninha. — Juno piscou e, com um soluço alto, se curvou para me beijar. Tentava a todo custo colocar ânimo nas palavras. Era inútil. Elas só serviam para me fazer chacoalhar de pânico nesse terremoto em que eu acabara de ser arremessada. — Eu te amo, Nanai.

Mamãe se uniu a nós, abraçando-nos com vontade e urgência. Era mais que uma despedida. Algo sinistro pairava no ar.

Trincas...

Havia trincas por todos os lados, como as das paredes do quarto. Éramos uma massa de amor prestes a implodir em fragmentos de tristeza e de perda. Mas, para meu horror, uma voz agourenta destilava seu veneno em meus ouvidos, afirmava o que eu não conseguia suportar:

Para essas trincas não haveria reparo.

— Eu te amo, Nailah. Muito. Nunca duvide disso. — Mamãe me beijou também. — Mas não saia daqui em hipótese alguma. Não ouse me desobedecer!

E, como num passe de mágica, o manto quente do amor era substituído por um sopro glacial, penetrante e definitivo.

Elas se foram.

Perdida dentro de mim, arrastei os pés pelo cômodo decrepito e, por uma mínima fresta da porta de entrada, procurei pelas silhuetas das duas.

Mas não estavam mais lá.

Desapareceram...

O odor ácido da maresia penetrava por minhas narinas e fazia minha garganta arder. Rajadas de vento açoitavam os dois mundos que me mantinham de pé, o de dentro e o de fora. Redemoinhos de folhas secas, terra e incompreensão rodopiavam diante dos meus olhos apáticos. O ar era frio e ainda assim o calor ficava insuportável. As chamas que me faziam queimar por inteira vinham do vulcão que eu nem sabia que existia dentro da minha própria carne. Eu estava sufocando de agonia. Precisava de oxigênio. Neces-

sitava de água para abrandar esse fogo causticante. *De chuva?*

Ah, as chuvas...

Mesmo após séculos de trégua, meu povo ainda tinha horror a elas. Apesar de no passado os vendavais terem sido os porta-estandartes sombrios da chegada iminente de tempestades implacáveis e tragédias, eu experimentava prazer inexplicável ao sentir suas rajadas no meu rosto, os braços poderosos do vento a me envolver e tranquilizar.

Estremeci ao escutar uma explosão de passos e o bradar de vozes masculinas: capatazes!

Não, Nailah! Você fez uma promessa!, alertou a voz da razão.

— Confirmam a habitação. Cerquem tudo! — ordenou um deles.

Nailah, não faça isso, mamãe disse para não sair...

— Elas não devem estar longe! — berrou outro, o tom mais furioso que o primeiro.

“Elas”?

Abri a porta alguns milímetros e o senti do outro lado da rua, parcialmente encoberto pelas sombras, meu espírito direcionado para a ligação que nos unia desde sempre: Nefret!

Com os olhos arregalados, meu irmão gêmeo sabia o que se passava dentro de mim quando nem mesmo eu tinha certeza do que estava prestes a fazer. Pressentindo o pior, ele balançava a cabeça em negativa. Escancarei a porta e saí em disparada pela rua de terra batida.

— Nailah, NÃO!!! — Seu grito de pavor repercutiu em meus ossos.

Mas não olhei para trás. Não podia. Antes que algum deles invadisse minha habitação, corri para onde foram os demais capatazes e, ainda que pisando com força, as passadas de uma menina de sete anos ficaram despercebidas em meio às falas bradadas adiante.

Um berro estridente reverberou pelo lúgubre lugar. E na minha alma.

Oh, não!

Com as pernas trêmulas e o coração pulsando dentro da boca, alcancei, ofegante, o descampado próximo ao grande portão da entrada da nossa colônia. Frases desconexas digladiavam-se no ar. O vento uivava forte, chi-

coteava meus cabelos, distorcia os sons e se transformava em uma muralha invisível, mas algumas palavras malditas conseguiram atravessá-la, como fantasmas do meu futuro dançando pela noite macabra:

Vergonha. Desonra. Morte.

Lacrima Lunii.

Perdi o ar de vez ao ver Juno caída a poucos metros do gigantesco muro do nosso conglomerado. Não vi nenhuma ferida, mas sangue maculava o vestido amarelo. Ajoelhada ao lado do seu corpo desacordado, mamãe tinha o rosto deformado por uma emoção devastadora.

— Fique onde está, mulher! — ordenou um dos capatazes. — A Amarela deverá pagar pelo erro que cometeu!

Mamãe quebrou os protocolos e lhe respondeu olho no olho, mas se petrificou, em choque, ao ver quem estava ali entre eles, pálido como um boneco de cera. *Papai?!?*

— Inferno de Zurian! Georgia, não! Juno sabia o que estava fazendo. Você não pode abrir mão de nós por causa dela! — papai clamava. — Você não está raciocinando. Está passando por outra crise de nervos. Por favor, seja razoável!

A cena que assombraria o resto dos meus dias avançava, impiedosa.

— Está me chamando de louca? Até você? — Mamãe parecia possuída por uma cólera sobrenatural. — Juno é inocente! Se há amor não existe erro e ninguém vai arrancar filho algum de mim!

— Recolham a Amarela! — comandou um homem calvo. Ele olhava para o céu a todo instante, parecia tenso com a estranha ventania que ganhava corpo, como se um exército invisível estivesse montando cerco ao nosso redor.

— Nunca, seus desgraçados! Nunca! — mamãe esbravejava.

Meus olhos ardiam, nada fazia sentido. Pesadas nuvens dançavam de um lado para o outro como soldados assumindo seus postos e, ainda assim, a lua de Kapak reluzia como nunca, ativa e inabalável.

— Peguem-nas! — determinou o que parecia ser o líder do grupo.

Papai, faça alguma coisa! Você precisa ajudá-las!

Mas ele nada fez, exceto tombar a cabeça sob o peso da covardia. O capataz de pescoço largo e cabelo preso num rabo de cavalo abriu um sorriso cruel e caminhou em direção a elas. Mamãe se colocou de pé em frente ao corpo de Juno e, em meio às chicotadas violentas do vento, o encarou de queixo erguido.

— Terá que me matar para tocar nela — enfrentou, exalando toda força divina que somente uma mãe é capaz de criar para defender um filho em perigo.

O homem rosnou e avançou, covardemente lhe acertando um soco na barriga. Mamãe se curvou de dor e foi de joelhos ao chão, mas não emitiu som algum. Então o sujeito a agarrou e começou a arrastá-la. Ela gritou, finalmente implorando pela ajuda do meu pai. Em vão.

A noite ficava ainda mais escura.

Senti o vômito subir pela garganta enquanto urina escorria por minhas pernas.

O capataz perverso riu, parecia sentir prazer com a bizarra situação. Mamãe lutava para se libertar, mordeu o braço do algoz e, quando ele se abaixou, em uma manobra para se desvencilhar, ela cravou as unhas em seu rosto. O homem ganhou um semblante assassino e, sem hesitar, acertou-lhe um soco violento na têmpora.

— NÁOOO!!! — O horror enterrou os dentes nas minhas costas, catapultando meu corpo para a frente. Corri ao socorro dela.

A ventania piorava, o ar soprado por bocas invisíveis me desequilibrava. O capataz sorria com descaso para a figura insignificante que eu era nesse cenário macabro, aguardava minha aproximação com interesse, satisfeito que eu presenciasse o massacre em detalhes.

— Nail... — Mamãe arregalou os olhos antes de perder a consciência e desmoronar de boca ao chão. O baque foi surdo, mas reverberou com estrondo em meu crânio e espírito.

Acabou.

Caí prostrada sobre ela e me deparei com seu rosto lindo camuflado por uma arrasadora mortalha de sangue, areia e impotência.

— MÁEEE!!! — O berro saiu engasgado enquanto tentava a todo custo levantar sua cabeça e trazê-la para perto. Para mim. A dor encharcava minha alma. Minha mente entorpecia. Não conseguia compreender nada. Não conseguia acreditar em nada. Nada disso estava acontecendo. — Mãe, por favor, fala comigo! Sou eu, Nailah!

— Tire a Branca daí! — uma voz comandou ao longe.

— Deixe-a ver o que acontece com as vadias! Para aprender a lição — respondeu o homem de rabo de cavalo e aparência cruel.

Escuridão crescia ao meu redor. A ventania ganhava proporções assustadoras. Rugidos ferozes faziam a muralha e o chão estremecerem. Uma energia inesperada, tão pungente quanto indomável, fervilhava por debaixo da minha pele. Só então me dei conta do que se encontrava na palma da minha mão: Stu!

— Covarde! — gritei de pé, arremessando-o com toda força.

— Argh! Sua... — O sujeito grasnou ao sentir o corte que o meu cavallinho fizera em seu supercílio.

— Não ouse tocar na Branca! — alertou com autoridade outro deles quando o monstro ameaçou vir na minha direção.

O capataz cruel limpou parte do sangue e, com um sorriso perturbado, afundou a bota no chão inúmeras vezes. Assisti ao maldito transformar Stu em pó, desintegrá-lo em migalhas.

Juno estava errada. Não haveria ninguém para me proteger. Nefret era fraco como nosso pai e agora Stu também se foi.

Tudo estava em pedaços: Stu, minha vida, meu mundo.

Mordi as bochechas, mas não permiti que nenhum som saísse da minha boca e confessasse minha derrota. *Chorar era para os fracos.* Mantive a expressão mais desafiadora que fingi possuir. Segurei na marra a enxurrada de lágrimas e a onda de dor que carbonizava cada uma das minhas células.

Um movimento abaixo de mim me despertou. O corpo de mãe era assaltado por espasmos ininterruptos. A sinistra realidade despencava como um punho fechado sobre minha cabeça. Meu orgulho se desmanchava, tão destroçado quanto minha fé, e caí prostrada de joelhos.

— Não!!! Mamãe, por favor! Olha para mim! Fala comigo! — implorava, asfixiando-me nas garras do sofrimento enquanto envolvia seu rosto com o que restou de mim.

— Nailah...

— Mãe?!? — Meu naufrago coração era novamente cuspidor para a boca e a encarei por trás de uma cortina de lágrimas contidas a todo custo.

Num esforço colossal, mamãe murmurou antes de desfalecer em meus braços:

— Lute.

E então, aconteceu.

Uma tempestade violenta desabou sobre nós, o dilúvio de lágrimas do mundo disfarçando as minhas e selando a inundação de uma era, o afogamento do meu coração.

Em meio às falas tensas e bradadas, o maldito capataz a arrancou abruptamente de mim e, jogando-a nos ombros, atravessou o muro intransponível, levando-a para a terra inalcançável. Encharcada da cabeça aos pés, assisti, destruída, ao corpo desacordado de Juno ser carregado com urgência na mesma direção. Os uivos dos ventos se uniam ao pranto dos deuses e criavam uma ópera atordoante. Ganidos de bestas que vinham das vísceras do oceano faminto faziam as colossais muralhas de Khannan estremecerem, mas o trepidar não era nada diante do terremoto que me destruiu por dentro.

O cronômetro do fim fora acionado!

Tapei os ouvidos com força, não suportava ouvir mais nada, não suportava sentir mais nada. A vida saía de foco em seus instantes finais. Nem sequer precisava fechar os olhos. Havia trevas por todos os lados. A escuridão estendia suas garras e me puxava para si, para onde eu não deveria ir. Cambaleei, sem resistência, em meio ao espetáculo de horror que chegava ao seu epílogo e, de onde estava, amordaçada na plateia dos aniquilados, eu a vi desaparecendo para sempre, deixando nas minhas mãos trepidantes e no meu espírito arruinado a bomba em forma de comando que nortearia o resto dos meus dias e seria a sina da minha existência:

Lute!